

FHC critica protecionismo dos europeus

Produtos agrícolas brasileiros não têm como competir na Europa. Presidente pede a Chirac que haja reciprocidade na abertura comercial

Carlos de Lannoy
Da equipe do Correio

Talvez para não desgostar muito seu convidado, o presidente Fernando Henrique Cardoso abaixou a voz e acelerou a leitura. Estava na metade do seu discurso, durante o almoço no Itamaraty. Mesmo atropelando as palavras, ele aproveitou a presença do presidente francês, Jacques Chirac, para reclamar do protecionismo europeu contra os produtos agrícolas brasileiros.

Fernando Henrique culpou a Europa por parte do déficit comercial brasileiro no último ano, de quase US\$ 5 bilhões. Em anos anteriores, o Brasil exportou sempre mais produtos agrícolas e industrializados do que importou.

“Essa alteração se explica em grande parte pelo dinamismo imposto às importações brasileiras pelos próprios investimentos diretos que alcançaram, em 1996, mais de US\$ 9 bilhões. Mas deve-se também à persistência do protecionismo europeu, que continua impedindo o ingresso de produtos brasileiros competitivos no mercado da União Européia”, discursou Fernando Henrique.

Em dezembro, durante a primeira reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Cingapura, o Brasil e os outros países do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) tentaram pressionar para que a abertura internacional ao co-

mércio dos produtos agrícolas fosse acelerada, mas não obtiveram apoio dos países industrializados.

INTERESSE

A União Européia, por exemplo, é contrária à redução imediata de tarifas para carne de frango, suco de laranja, óleo de soja e outros produtos agroindustriais. E a França, como principal país agrícola europeu, é o maior interessado em impedir a liberalização comercial do setor agrícola.

Em Cingapura ficou decidido que a eliminação de barreiras ao livre comércio agrícola internacional só começará a ser discutido em 1999. Isso significa que a redução de tarifas acontecerá somente alguns anos depois do início da negociação. Por isso, os países do Mercosul queriam que as discussões fossem abertas ainda este ano.

“Esperamos reciprocidade para as oportunidades comerciais e de investimentos que o Brasil, fortalecido pela dimensão adicional do Mercosul, tem gerado como poucos países no mundo”, pediu o presidente durante o almoço.

Desde que entrou em funcionamento, em 1994, a OMC discutiu apenas a abertura comercial para produtos industrializados. O Brasil está assim obrigado a reduzir tarifas para a importação de carros, motores, computadores e outras especialidades dos países ricos. Mas, segundo o presidente, ainda não recebeu a contrapartida européia.